

ARIANE PACHECO PALMEIRO

A CAPOEIRA COMO IDENTIDADE CULTURAL

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do Curso de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná.

CURITIBA

1997

ARIANE PACHECO PALMEIRO

A CAPOEIRA COMO IDENTIDADE CULTURAL

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física, Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná.

ORIENTADORA: IDELZI TEREZINHA MASSANEIRO

EPIGRAFE

Dedico à todos que estiveram ao meu lado, e de uma forma ou de outra contribuíram para a elaboração e conclusão deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço principalmente à Deus, por ter me dado forças pra lutar, à Capoeira por eu poder jogar e realizar esta pesquisa, à minha orientadora que esteve presente nos momentos certos e incertos dessa trajetória.

SUMÁRIO

RESUMO	v
1) INTRODUÇÃO	06
1.1) PROBLEMA.....	06
1.2) JUSTIFICATIVA.....	06
1.3) OBJETIVOS.....	07
2) REVISÃO DE LITERATURA	08
2.1) REFLEXÕES SOBRE O CORPO.....	08
2.1.1) CONCEPÇÃO DO CORPO ATRAVÉS DOS TEMPOS.....	08
2.1.2) A REALIDADE CORPORAL.....	10
2.1.3) O CORPO ESCRAVO.....	11
2.2) REFLEXÕES ACERCA DA CULTURA.....	13
2.2.1) A IDENTIDADE CULTURAL.....	15
2.2.2) A TRADIÇÃO CULTURAL.....	17
2.2.3) A CULTURA NEGRA.....	19
2.3) REFLEXÕES SOBRE O NEGRO.....	20
2.3.1) A ESCRAVIDÃO NO BRASIL.....	20
2.3.2) QUILOMBO DOS PALMARES.....	23
2.4) REFLEXÕES SOBRE A CAPOEIRA.....	25
2.4.1) HISTÓRIA DA CAPOEIRA.....	25
2.4.2) DESENVOLVIMENTO DA CAPOEIRA.....	26
2.4.3) A FORMAÇÃO DAS MALTAS.....	29
2.4.4) A INDIVIDUALIZAÇÃO DO CAPOEIRISTA.....	31
3) METODOLOGIA	36
4) CONCLUSÃO	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38

RESUMO

Este trabalho busca o resgate da capoeira enquanto patrimônio cultural afro-brasileiro, desenvolvida como forma de resistência defendendo seus significados originais, os valores históricos, onde o passado é resgatado, permitindo reflexões com relação ao que fomos e o que somos hoje ao longo do desenvolvimento social. Abordando através de focos de resistência, os grupos formados por capoeiristas, identificando-os culturalmente no contexto histórico e social do negro-brasileiro, e assim entender a permanência e transmissão da capoeira nos dias atuais, como ela sobreviveu e até hoje luta pela sua valorização.

1) INTRODUÇÃO

1.1) PROBLEMA

A capoeira como um jogo de resistência, teve influências em seu contexto, pois foi utilizada como estratégia cultural, embutida no corpo do praticante, tornando-se uma arma mais eficaz contra as repressões do sistema escravocrata. Os comportamentos desordeiros atribuídos aos capoeiristas, eram na realidade as manifestações de revoltas e afirmações de um grupo social marginalizado.

Este estudo coloca como questão norteadora: a explicação da transmissão e perpetuação da capoeira no contexto histórico e social do negro brasileiro. E por mais que seja tentadora a explicação da permanência da capoeira por uma rebelião do corpo, motivada por substratos culturais, a capoeira só sobreviveu até os dias atuais, através de um envolvimento emocional, um sentimento de raiz e tradição. A importância de se estudar essa relação e identificação entre capoeira e seus praticantes se deu pelo fato de que essa prática cultural, como qualquer outra, só existe enquanto é mantida por grupos sociais que dão suporte de autopreservação e continuidade dessas manifestações.

1.2) JUSTIFICATIVA

Este trabalho justifica-se pela necessidade da valorização da capoeira enquanto patrimônio cultural afro-brasileiro, para o entendimento na construção de um futuro melhor. Direcionado à todos que estejam dispostos a trabalhar pela questão do negro na sociedade, seja na escola ou fora dela. Que venha a contribuir para um entendimento dessa prática

corporal embutida no corpo do negro brasileiro e para que quando houver alguma referência ao mesmo, não fique só no sentido de afastamento e alienação da identidade negra.

“ Se consciência é memória e futuro, quando e onde está a memória africana, parte inalienável da consciência brasileira? Onde e quando a história da África, o desenvolvimento de suas culturas e civilizações, as características do seu povo, foram ou são ensinadas na escola brasileiras?” (NASCIMENTO, 1978, pág. 95)

1.3) OBJETIVOS

- Abordar a capoeira como identidade cultural, refletindo seus valores históricos e tradições.
- Refletir a relação entre a capoeira e seus praticantes. Qual a identificação que existe entre eles e o que fazem cultivar e cultuar suas tradições.
- Valorização e reconhecimento do negro na sociedade.

2) REVISÃO DE LITERATURA

2.1) REFLEXÕES SOBRE O CORPO

2.1.1) CONCEPÇÃO DE CORPO ATRAVÉS DOS TEMPOS

Para entender verdadeiramente o corpo e como a humanidade o concebeu através dos séculos, caberia a ciência defini-lo porém esse mesmo corpo está sujeito a regras e valores culturais adquiridos.

Estaria certo DESCARTES (in MEDINA, 1987, pág. 49), quando define o homem como espírito “penso, logo existo” ou MEARLY PONTY (Ibidem), quando afirma “eu sou meu corpo”. Numa concepção filosófica humanizada, o corpo é sinal da alma, é o instrumento do espírito. A partir desse dualismo corpo-alma, é que a civilização aprendeu a dividir.

Segundo ARANHA & MARTINS (1993), o homem sempre teve dificuldades em ver claramente e sem preconceito seu próprio corpo. Entre os filósofos sempre houve a tendência em explicar o homem composto de partes (corpo e alma) e não como um ser integral. Esse pensamento corpo-consciência apareceu com PLATÃO (Ibidem), no século V. a.C., partindo do princípio de que a alma antes de se encarnar, teria vivido a contemplação do mundo das idéias (intuição), e por necessidade natural a alma une-se ao corpo tornando-se prisioneira.

PLATÃO (Ibidem), confirma a idéia de superioridade do espírito sobre o corpo, pois a fraqueza física, torna-se um estorvo à vida superior do espírito. No entanto os gregos sempre estiveram preocupados com seu corpo, com exercícios físicos, ginástica, esportes, etc.

No final da Antigüidade, marcada por um período de crises, surgem interpretações pessimistas, por Monges que buscavam a efetiva realização da virtude e da moral através da fé, achavam que o corpo é sinal de pecado e degradação, desenvolviam práticas de purificação como jejum, abstinência e flagelações. (ARANHA & MARTINS, 1993, pág. 312.)

Segundo o mesmo autor, transformações começam a ocorrer a partir da Idade Moderna, com o Renascimento. O corpo considerado inferior, não deixava de ser criação divina, havia proibições de dissecação de cadáveres (corpo do latim *corpus*, significa cadáver). O corpo dessacralizado, passou a ser objetivo da ciência, ignorando o aspecto religioso e considerando o aspecto físico e biológico. Desse aspecto materialista, o corpo aparece como objeto associado a idéia mecanicista do homem máquina, reduzido a dimensão corpórea, sujeito às forças da natureza, torna-se incapaz de guiar seu próprio destino, mostrando o homem como simples jogo do meio, da raça, do momento.

Para SPINOZA (in ARANHA & MARTINS, 1993), ao invés de negar a liberdade humana ele faz uma crítica a toda forma de poder (político, religioso), elucidando os obstáculos ao pensamento e a política livre, o que leva o homem a servidão e a obediência. Ao mostrar possibilidades de expressão da liberdade, SPINOZA (Ibidem) desenvolve uma teoria nova desafiando uma tradição grega (corpo-consciência) e o dualismo psicofísico-causalidade. A teoria do paralelismo, a qual não há relação entre causalidade ou hierarquia entre corpo e espírito, e sim a expressão corresponde entre alma e corpo onde ambos se exprimem. “Nem o corpo pode determinar a alma a pensar, nem a alma determinar o corpo ao movimento ou ao repouso ou a qualquer outra coisa.”

2.1.2) A REALIDADE CORPORAL

Segundo FREIRE (1991), o Cristianismo sempre consagrou as aspirações à imortalidade, a custa da renúncia do corpo. Negar o corpo é negar a própria vida, mas é conquistar a imortalidade da alma. Pois essa habita o corpo, porém pode viver sem ele. “Somos seres motores, as mentes não habitam cadáveres, a alma não é prisioneira de um corpo. A motricidade é expressão humana, por ela existimos e nos humanizamos.” (FREIRE, 1991, pág. 26)

Nossa história nos remete a separação do corpo e da mente, do domínio do inteligível sobre o corpo, o senhor sobre o escravo, do patrão sobre o trabalhador. O corpo aparece como vítima, sendo apenas mais um discurso sobre o oprimido. A filosofia e a ciência buscam provas de superioridade, no entanto o corpo resiste e sobrevive, pois ele é a nossa realidade terrena, se a divisões, estão todos integrados na mesma realidade. Mas as palavras traem e denunciam o dualismo, pois quando começamos a pensar, a falar, o homem começa a dividir, não sabe-se quando aprenderemos a não separar.

De acordo com CRESPO (1990), o corpo é um dos temas mais discutidos atualmente, vindo a manifestar-se nos adornos, vestuários, dança, teatro, jogos e desportos. Segundo o mesmo autor, a importância dada ao corpo no mundo contemporâneo, contrapõem-se ao ofuscamento do passado, bem como a sua negação. Os novos conceitos de beleza, felicidade e juventude identifica-se pela afirmação do corpo, como objeto de preocupações e cuidados. O corpo como materialidade biológica, se revela através da historicidade, da origem e do longo processo social como um corpo mutável.

Assim as práticas do corpo não podem compreender, enquanto realidades simples e homogêneas e sim na relação entre os elementos econômicos, políticos e culturais de uma totalidade, através do corpo considerado, ao mesmo tempo, principal meio de expressão e de liberdade e lugar e mente da mais profunda censura e servidão do homem. (CRESPO, 1990, pág. 12)

Segundo FREIRE & MATA (1993, pág. 20), a palavra “soma”, vem do grego e significa “a totalidade do ser”, no sentido amplo e completo, a mesma não está interessada em aspectos isolados ou parciais na vida de uma pessoa. Estuda-se o homem por inteiro, as várias áreas de sua vida e a relação entre elas. Na “soma”, vemos o ser humano de modo “unicista”, onde o indivíduo é uma unidade indivisível, admitindo o homem como um todo, do ponto de vista funcional e dinâmico do ser. A divisão deste todo em partes independentes (mente e corpo, por exemplo) leva a supremacia de algumas funções sobre outras. Essas divisões podem servir apenas para a compreensão didática do estudo do homem, mas nunca para avaliar a vida humana. Isolar uma parte do todo para efeito de estudo de algum distúrbio leva a um diagnóstico limitado e insuficiente.

2.1.3) O CORPO ESCRAVO

A noção e o fato social da propriedade particular, ligado ao poder cresceu e surgiu a idéia de prender não só rebanhos de alimentos, como também homens; os escravos, que serviam como propriedades de serviços de usar e mandar em pessoas. Segundo GAIARSA (1994, pág.17), assim desenvolveu-se a idéia de que o corpo é um escravo da mente. Ele acredita que “Marx, foi o primeiro a denunciar esta correlação entre escravo que faz e obedece, e que não tem direitos, e o senhor que dispõe e manda: corpo e mente, carne e

espírito, opressor e oprimido.” Estabelecendo entre o senhor e o escravo uma distância intransponível.

O processo de dominação representou um importante elemento para a preservação da identidade sócio-cultural, pela luta da sobrevivência física, onde o corpo e seu repertório cultural e uma das principais armas contra o opressor.

Mas que corpo é este, que se encontra elementos de combate e vadiação no jogo da capoeira. Seria muito tentador afirmar ser um corpo rebelde, às consequências físicas da colonização escravagista.

A hipótese de um corpo negro, herdeiro de uma cultura em movimento de autopreservação e continuidade com imperativos de resistência cultural... O júbilo propiciado pelo corpo do capoeira é que faz do jogo da capoeira uma extraordinária diferença corporal, no instante que se joga, que se brinca a capoeira, os movimentos do indivíduo se libertam de qualquer coisa externa (...) possibilitando desfrute instantâneo do real. Nesse aqui e agora do corpo, fazendo aflorar o amoroso sentimento de existir. O ritmo do berimbau põe em jogo, integrados corpo e alma do negro. (SODRÉ, 1983, pág. 214)

Para as comunidades históricas a idéia de Aristóteles, onde o corpo é uma máquina habitada por um espírito, inexistente. Para essas comunidades o corpo é um órgão de expressão dinamizado pelas formas de ritualização do movimento dentro do quadro histórico e mítico da etnia negro-brasileira, cujos valores são as tradições. A tradição que é passada de geração a geração, através dos mestres, transmitindo os fundamentos, e os princípios do jogo da capoeira, verbalmente através de histórias e estórias, mantendo viva a tradição e fortalecendo suas raízes.

2.2) REFLEXÕES ACERCA DA CULTURA

O homem diferencia-se do animal pelo trabalho, pela linguagem possibilitando transformações como ser cultural, superando o mundo natural dos animais. A palavra cultura, segundo ARANHA & MARTINS (1993, pág. 06), “significa tudo o que o homem produz ao construir sua existência: as práticas, as teorias, as instituições, os valores materiais e espirituais.” Podendo ter outros significados como cultura da terra ou cultura de um homem letrado. DAMATTA (1986, pág. 122) classifica a palavra cultura como “arma discriminatória” contra grupos sociais, cujos valores seguem tradições, como a dos índios, que “se encontram em estágio cultural muito atrasado.”

Cultura é em Antropologia Social e Sociologia: “Um mapa, um receituário, um código através do qual as pessoas de um dado grupo pensam, classificam, estudam e modificam o mundo e a si mesmas.” (DAMATTA, 1986, pág.123) A cultura não é apenas um código ou hierarquia de civilizações, é algo que esta dentro e fora de cada um de nós, a maneira de cada grupo, país ou pessoa viver.

O conceito de cultura de acordo com SODRÉ (1983, pág. 112) “é o de algo mais, não para o qual o todo é sempre maior que a soma das partes, mas a partir da idéia de incompletude. Designando assim o modo de relacionamento com o real com a possibilidade de esvaziar paradigmas de estabilidade do sentimento, de abolir a universalização das verdades, de indeterminar, insinuando novas regras para o jogo humano.”

A cultura é formada por regras, que permite o relacionamento de indivíduos em grupo com o ambiente onde se vive. Portanto a cultura “é um conjunto de regras que nos diz como o mundo pode e deve ser classificado.” (DAMATTA, 1986, pág. 125)

... as regras apenas indicam os limites e apontam os elementos e suas combinações explícitas. O seu funcionamento e, sobretudo, o modo pelo qual elas engendram novas combinações em situações concretas são algo que só a realidade pode dizer. Porque embora cada cultura contenha um conjunto finito de regras, suas possibilidades de atualização, e expressão e reação em situações concretas são infinitas. (DAMATTA, 1986, pág. 125)

Socialmente a cultura não se dá através de etnias ou no meio geográfico e sim em diferentes relações que a sociedade estabelece no decorrer da história. A questão da cultura negro brasileira, da qual trataremos a seguir, aparece como um lugar de contorno do valor universalista de verdade e de sentido finalístico. Recoloca o tema não apenas como questão atual da sociedade brasileira, mas como uma questão filosófica. Dessa maneira “a cultura seria uma maneira de o grupo organizar-se para ação em face de desintegração comunitária.” (SODRÉ, 1983, pág.112)

“O mundo cultural é um sistema de significados já estabelecido por outros, de modo que ao nascer, a criança encontra o mundo de valores já dados, onde ela vai se situar.”(ARANHA & MARTINS, 1993, pág. 06) Tudo se acha codificado, a língua, a maneira de se alimentar, conversar, sentar, andar, correr, brincar, as relações familiares.

Diante da herança social (regras de conduta e dos valores que nortearão a construção da vida social, econômica e política) há um risco de o indivíduo perder sua liberdade e autenticidade. Pois o mesmo veste-se, come, pensa, não como gostaria de ser, mas como a maioria o faz. “Assim como a ‘massificação’ pode ser decorrente da aceitação sem crítica dos valores impostos pelo grupo social, também é verdade que a vida autêntica só pode ocorrer na sociedade e a partir dela.” (ARANHA & MARTINS, 1993, pág. 07)

O processo de humanização, se faz pelas relações entre os homens, e é dos empasses e confrontos dessas relações que a consciência de si emerge lentamente. Ao mesmo tempo em que o homem é um ser social, também é uma pessoa, isto é, tem uma individualidade que o distingue dos demais.

Para DAMATTA (1986, pág. 124), “ Um conjunto de indivíduos (grupo) com interesses e capacidades distintas e até mesmo opostas, transformam-se num grupo e podem viver juntos sentindo-se parte de uma mesma totalidade.” Isto se dá porque a cultura lhe forneceu normas que dizem respeito aos modos mais (menos) apropriados de comportamento diante de certas situações.

Cada ser perfaz o seu processo de individualização em função desse grupo instituído, onde encontra-se as bases de sustentação da vida psíquica individual (Identificação). Isto depende da força de continuidade do grupo, onde cada um configura-se com um “lugar”, “território” investindo do desejo (ancestral) de continuidade da espécie; a cultura é a linguagem desse desejo. O indivíduo pertence ao grupo tanto quanto a si mesmo, pois ele reencontra-se no grupo.

2.2.1) A IDENTIDADE CULTURAL

A expressão “identidade cultural”, para entendê-la é necessário colocá-la em dois termos: o substantivo identidade e o adjetivo cultural. A palavra identidade assim como cultura tem sentidos genéricos, por exemplo: a Identidade Civil, reconhecida graças a elementos individualizantes. A identidade pode ser também a possibilidade de reconhecimento como membros pertencentes a determinado grupo, devido a séries de características comuns a todos os componentes do grupo. Portanto, a identidade garante à alguém que tenha características

que o identificam como ser único, individualizante, autônoma e específica, distinta dos outros. Podendo ser integrante de determinado grupo por várias razões estar vinculado a ele, de ordem existencial, política, econômica, profissional, ideológica ou institucional.

Simplificar a questão da fragilidade conceitual da cultura, adotando o sentido original da palavra:

...aquele que vem do grego significa uma ação que conduz a plena realização das potencialidades de alguma coisa ou de alguém, englobando duas idéias, a de cultivar e a de cultivar. Cultivar nos transmite a ação de gerar, germinar, crescer, florescer e frutificar, isto é, de atingir a plenitude do ser, cultivar por sua vez, lembra a atitude de quem reverencia e respeita o desenvolvimento como uma ação autônoma e livre para viver e alcançar a plena realização do próprio destino. (CHAUI, in SILVA, 1996, pág. 15)

Buscar o desafio cultural do mundo negro (a identidade negra africana), a reabilitação da identidade cultural, da personalidade própria dos povos negros é um dos objetivos da negritude. Para CÉSAIRE (in MUNANGA, 1988, pág.44) “...a negritude é o simples reconhecimento do fato de ser negro, a aceitação de seu destino, de sua história, de sua cultura...”

CÉSAIRE (Ibidem) redefiniu negritude em três palavras: identidade, fidelidade e solidariedade. A identidade consiste em assumir plenamente, a condição de negro, em dizer de cabeça erguida ‘sou negro’. A palavra foi despojada de tudo o que carregou no passado, como desprezo, transformando este último numa fonte de orgulho para o negro. A fidelidade repousa numa ligação com a terra mãe, cuja herança deve, custe o que custar, demandar prioridade. A solidariedade é o sentimento que nos liga secretamente a todos os irmãos negros do mundo, que nos leva a ajudá-los a preservar nossa identidade comum.

SENGHOR (in MUNANGA, 1988, pág. 45) entende “ identidade própria, como o conjunto dos valores culturais do mundo negro, exprimidos na vida, nas instituições, nas obras.

É a proclamação, celebração sobre todos os tons da identidade, da personalidade coletiva, visando o retorno às raízes do negro como condição de um futuro diferente da redução presente.”

Para CHEIKH (in MUNANGA, 1988, pág. 45) a identidade cultural de qualquer povo corresponde idealmente à presença simultânea de três componentes: o histórico, o linguístico e o psicológico. “A história é a memória das nações, os povos e as coletividades são frutos da história.” “...A solidariedade, ou seja o sentimento que nos liga secretamente a todos irmãos negros do mundo, que nos leva a ajudá-los, a preservar a identidade comum.” E o caráter psicológico seria no caso: “a negritude como conjunto de traços características do negro no que se refere a comportamento, capacidade de emoção, personalidade e alma.”

No entanto o fator histórico, parece o mais importante na medida, em que constitui o cimento que une os elementos diversos de um povo, através de um sentimento de continuidade vivido pelo conjunto da coletividade. O essencial para cada comunidade é reencontrar o fio condutor que a liga seu passado ancestral, o mais longínquo possível.

2.2.2) A TRADIÇÃO CULTURAL

“As práticas culturais, na verdade, se modificam , juntamente com o contexto social em que estão inseridas, sem que isso implique necessariamente sua extinção . Apesar disso muitos estudiosos, até hoje, continuam acreditando em seu iminente desaparecimento.” (AYALA, 1987, pág. 20)

Segundo muitos estudiosos a tradição é que caracteriza o folclore, para isso tem que ser comprovada uma existência à longo tempo. Para AYALA (1987), o caráter tradicional é requisito básico para tais pesquisas no Brasil, onde a inexistência de documentação e a rapidez

das transformações tornam impossível comprovar a secularidade das manifestações culturais. AMARAL (Ibidem) enfatiza a necessidade de que o registro e a análise de uma manifestação de cultura popular levassem em conta outras manifestações, os costumes, as crenças e as práticas que acompanhassem e explicassem, ou seja aquilo que podemos chamar de contexto cultural.

BASTIDE (in AYALA, 1987, pág. 32) firma-se de outra perspectiva: “a de analisar a cultura popular como parte de um contexto cultural e social mais amplo. Enfatiza-se a idéia de que a cultura popular deve ser entendida em termos atuais e não como simples sobrevivência.”

Para BASTIDE (Ibidem) a manutenção e as transformações das práticas culturais vincula-se à organizações e grupos sociais que as realizam, explicada pela produção econômica, a distribuição da população no espaço, as relações entre os grupos e no interior destes (cooperação, conflitos).

Estudar as práticas culturais sem levar em conta a sociedade, está condenado a aprender apenas a superfície. FREYRE (1996) diz que a cada sociedade corresponde uma tradição cultural, que se assenta no tempo e se projeta no espaço, daí o seguinte: “pode haver cultura sem sociedade, embora não possa existir uma sociedade sem cultura.” Enquanto DAMATTA (1987, pág. 20) cita que “ A tradição torna as regras passíveis de serem vivenciadas, obrigadas e possuídas pelo grupo que as inventou e adotou; sociedades sem tradição são sistemas coletivos sem cultura.”

Para BASTIDE (in AYALA, 1987), o contexto social e o espaço físico são componentes estruturais de análise dessas manifestações culturais, sendo que elas só se mantêm , desaparecem ou se modificam à medida que os homens vivendo sob certas condições econômicas e sociais realizam ou deixam de realizar aquelas práticas.

2.2.3) A CULTURA NEGRA

A cultura negra é o foco principal de discussão, que é muito enfatizado em RODRIGUES (1982). Sem dúvida alguma importância das tradições são essenciais, essas englobam a culinária, vestuário, adornos, cabelos, músicas, religião, danças, entre tantas influências que permeiam nossos dias atuais. Podemos perceber essas influências nas ruas, um modismo ou uma tentativa de resgatar as raízes negras.

Ter Tradição significa por tudo isso, mais do que viver ordenadamente certas regras plenamente estabelecidas. Significa, isso sim, vivenciar regras de modo consciente e responsável, colocando-as dentro de uma forma qualquer de temporalidade, pois a punição numa sociedade histórica é precisamente colocar alguém diante do inferno de uma situação, cujas normas não estão no tempo, sendo imutáveis. (DAMATTA, 1987, pág 22.)

O título “ Sobrevivências Africanas”, dá uma dimensão do que restou da cultura africana. A língua é peça vital começar a retrospectiva de RODRIGUES (1982) a cerca da linguagem. O que o autor pesquisou a fez saber que a língua africana estava dividida em vários dialetos, em cada região da África um dialeto diferente era falado. Nos dias atuais não há relato da língua africana praticada. Nas belas artes os negros também destacavam-se, seja em músicas, poesias, esculturas. O pensamento do senso comum, nos faz pensar erroneamente que esse lado artístico não existia. A dança entra como peça tradicional da cultura negra e a Bahia seria por assim dizer o marco de tomada, o início dessa ginga, portanto a Bahia, comprova assim a sua tradição dançante.

É interessante perceber que o carnaval começa nos terreiros de Candomblés, com as batidas fortes dos atabaques, com a dança aos Orixás. Resta lembrar que inicialmente o

carnaval mereceu vários protestos pois limitado inicialmente as classes nobres da sociedade, sofreu incorporações das classes menos abastadas, formadas principalmente pelos negros. Quando vamos brincar o carnaval nos sentimos invasores, apropriamos o ritmo e o samba.

A religião nos mostra como os negros mesclaram a religião Católica vigente no Brasil com a religião africana. É fato comprovado que os negros influenciaram os costumes brasileiros cultural, social e moralmente.

2.3) REFLEXÕES SOBRE O NEGRO

2.3.1) A ESCRAVIDÃO NO BRASIL

Os negros foram trazidos para o Brasil, a partir de 1568. Eram caçados de diferentes regiões da África, procedentes de Angola, Congo, Benguela, Cabinda, Mossamedes, na África Ocidental, e de Moçambique e Quelemânia, na Contra Costa: “Nem todos os negros destinados ao Brasil eram Bantus: entre eles haviam negros Gêges, negros Nagôs, Haussas, que se confundiam com os bantus no Porto de origem e aqui chegavam como tal.” (CARNEIRO, in MARINHO, 1956, pág. 06)

FREYRE (1996) e RODRIGUES (1982), procuram mostrar que a procedência dos negros escravos, eram de várias regiões, reconhecendo várias etnias, e não só o banto, que foi alvo de discussão durante muito tempo, insatisfatórias e errôneas. Atualmente sabe-se que várias nacionalidades foram vítimas do tráfico negreiro. RODRIGUES (1982) ao longo do texto, mostra que os negros traficados para cá, tinham seus costumes, sua cultura, são abruptamente retirados de seu país para trabalharem como escravos em outro país. A maioria possuía organização política, social e cultural, a violência que se praticou contra os negros,

foi a mais atroz possível, tirados de sua nação e mandados para outro país, que apenas o enxergava como instrumentos de trabalho e os tratava como se fossem animais.

Segundo AGUIAR (1995), os negros sofreram atrocidades do sistema escravocrata da época, eram transportados como animais nos porões dos navios negreiros. Aqui eram surrados e humilhados em praça pública, vendidos e explorados pelos senhores de engenho. “A História da condução de negros nos fétidos porões dos navios negreiros, contada em verso e prosa, nos deixaram a mais triste e comovente epopéia de dor e desespero da raça infeliz.” (SANTOS, 1993, pág. 26) Documentos relatam, segundo mesmo autor, que certas embarcações chegavam a conduzir 1000 negros numa só viagem, em navios com capacidade para 500 escravos. A travessia do oceano durava de 40 a 50 dias em condições normais. Porém as tempestades e ataques, aumentavam o tempo da viagem, o que era suficiente para a morte de 10% dos escravos.

Ainda em relatos de SANTOS (1993), a fome a sede e a doença, se estendiam, para alguns só havia uma saída, a morte em alto mar. Para outros amontoados nos cubículos escuros das embarcações, restava apodrecer junto as lágrimas, os gritos e gemidos de homens, mulheres e crianças que misturavam-se com o som do vento e o ranger dos navios na imensidão do mar.

Quando chegavam ao destino, os negros doentes e fracos, eram conduzidos aos depósitos de engorda, onde recebiam alimentação para serem vendidos, passavam por exames, comprados eram marcados por ferro e fogo. Eram levados para as senzalas onde aguardavam o trabalho. Dias de trabalho fatigados e massacrados (12 horas ou mais), a noite recolhiam-se as Senzalas para uma escassa alimentação e poucas horas de repouso. Dias de martírio e tristeza causada pelo “banzo”, moléstia causada pela saudade da Pátria, levando muitos negros ao suicídio, rompendo veias, ingerindo veneno ou comendo terra, chegando a asfixiar-se com a

própria língua, era a maneira mais comum para alcançar liberdade, já que não conseguiam em vida.

“Ao contrário do que muitos pensam, os escravos nunca aceitaram passivamente a escravidão, o que lhe faltava eram condições favoráveis para a luta organizada, os que afirmam tal coisa certamente desconhecem as várias formas de protesto contra o sistema que constantemente ocorreram durante todo o período escravocrata.”(SANTOS, 1993, pág. 33)

Diante de tantas crueldades, os negros reagiram, as revoltas sucediam-se mas sempre eram abafadas. Palmares foi a mais viva lembrança da resistência negra contra os abusos cometidos pelos brancos. “ Sem conhecer o novo mundo, sem falar a mesma língua, doentes, subnutridos, sem acesso a qualquer tipo de arma e totalmente vigiados, tornava-se difícil uma organização e eventual reação contra essa inúmeras adversidades. Os negros fugitivos, eram capturados e colocados no tronco onde era posta a ferro quente a marca do negro fujão pelos capatazes. Para sofrer tais castigos nem precisavam fugir, bastavam que não cumprissem as ordens dos superiores...”

... O pelourinho, coluna de pedra ou madeira erguida em local público, os açoites, o ferro quente, eram os mais comuns, além de uma tora de madeira presa as costas por uma corrente, carregada vários dias, recebia a gargalheira, espécie de coleira, que impedia os movimentos da cabeça. Se furtassem, prendiam lhe a cara numa máscara de flandres, de ferro ou lata, com pequenos orifícios para respirar, fechada a nuca por um cadeado. Para confissões, dois anéis de ferro que apertavam um pequeno parafuso, provocando dores horríveis. Os instrumentos de tortura eram infinitos... (SANTOS, 1993, pág. 33)

GAIARSA (1994, pág. 27), cita que “ a ciência das torturas foi uma das primeiras fisiologias que homem inventou” e desde tempos primórdios os homens estudaram todas as maneiras de torturar o corpo, usando-o com toda a capacidade que tem de sofrer e de sentir

dor. O autor nos faz compreender, porque insistimos em ignorar e negar esse corpo, que passa a ser nosso inimigo.

Para SODRÉ (in CAPOEIRA, 1992), a comunidade branca favorecia o negro mulato nascido no Brasil (crioulo) e o escravo integrado (ladino) com trabalhos mais brandos, perspectivas de ascensão social, incentivando assim a diferença entre “o boçal” (o africano que recusava a integração). A comunidade negra ao contrário, valorizava o “boçal”, a africanidade era a garantia da manutenção de valores tradicionais, e paralelamente as rivalidades tribais perdem seu significado facilitando a síntese da capoeira.

“ Os negros reviviam clandestinamente os ritos, cultivavam deuses e retomavam a linha do relacionamento comunitário. Já evidencia aí a estratégia africana de jogar com as ambigüidades do sistema, de agir nos interstícios do sistema.” (SODRÉ, in CAPOEIRA, 1992, pág. 27)

2.3.2) QUILOMBO DOS PALMARES

Segundo PINATTI (1987) muitos Quilombos foram constituídos por negros e índios (as duas vítimas da colonização) que fugiam, aproveitando-se da confusão gerada pelas invasões holandesas em 1624. Formando comunidades em locais de difícil acesso, onde se organizavam para garantir a sobrevivência, se prevenindo dos ataques dos capitães do mato.

Para SANTOS(1988), o Quilombo dos Palmares, foi formado por volta de 1630, entre os séculos XVII e XIX, durando quase um século chegou a ter cerca de 20.000 mil habitantes entre negros, índios e brancos. A terra era valorizada pelos negros e sua sociedade não era dividida em classes, não haviam desníveis sociais. O saber dos mais velhos é que regia a comunidade de Palmares.

Quilombo era a causa de todos os males, nossa ignorância sobre ele é proporcional à sua magnitude, sofreram vários ataques sucessivos da armada da época. Símbolo da resistência, Zumbi dos Palmares, sobrinho de Ganga-Zumba, chefe escolhido pela comunidade negra que tornou Palmares, destaque na produção agrícola.

NETO (1995) cita que os dados biográficos sobre Zumbi, são poucos quando menino ele foi capturado pela expedição de São Brás da Rocha Cardoso, em 1655, e entregue ao padre Antônio Melo que o batizou como Francisco. Teria aprendido a ler e foi coroinha, em cartas o padre comentou a inteligência do rapaz, que além de português aprendeu o latim. Mas Zumbi não aceitou a escravidão e fugiu. Em Palmares dedicou-se à guerra. Assaltava fazendas e engenhos. Em 1694, quando os portugueses decidiram acabar com Palmares (Morro do Macaco), criou-se um sofisticado sistema de paliçadas e fossos pontiagudos. Zumbi achava que o inimigo não conseguiria trazer canhões morro acima, mas conseguiram.

A bravura de Zumbi virou lenda., historiadores como RODRIGUES (1982) difundiram a versão segundo a qual, desesperado com a queda de Macaco, o rei e seus últimos guerreiros teriam se suicidado, precipitando de um penhasco “preferindo a morte gloriosa ao cativo desonrante que os aguardava.”

Mas na verdade, SANTOS (1993) relata que no dia 20 de novembro de 1695, há 300 anos atrás o símbolo da resistência negra, Zumbi tinha seu corpo perfurado por 15 balas, inumeráveis punhaladas, dele foi tirado um olho e a mão direita. Foi castrado, tendo seu pênis colocado na boca. Após sua identificação separaram-lhe a cabeça e espetaram-na em praça pública para que os brancos sentissem a merecida vingança, e os negros percebessem que Zumbi não era imortal. Zumbi está vivo e continua lutando, 302 anos da morte de Zumbi - líder negro da época da escravidão e um dos principais organizadores do Quilombo dos Palmares, onde é hoje o Estado de Alagoas.

A história da luta contra a escravidão, usando motivos e ambientes dos dias de hoje, para lembrar sua trajetória e do Quilombo, trazendo para o presente situações nas comunidades marginalizadas, como as favelas brasileiras onde a maioria de seus habitantes são negros. O contexto histórico do Quilombo dos Palmares contribui para ampliar o processo de discussão sobre o negro na sociedade atual.

2.4) REFLEXÕES SOBRE A CAPOEIRA

2.4.1) HISTÓRIA DA CAPOEIRA

Com os negros escravos trazidos para o Brasil, vieram também diversificada cultura milenar, que influenciou na formação do povo brasileiro como sentimentos, credences, superstições, hábitos, costumes, danças e tradições. E segundo AGUIAR (1995), dentre esses legados está a capoeira, de suma importância na luta pela sobrevivência dos negros de Angola. Supõe-se que a capoeira tenha entrado no Brasil pelos Portos da Bahia, pois o número de negros angolanos procedentes de Cabinda e Benguela era superior à outras regiões. Para QUERINO (in MARINHO, 1956, pág. 07), “A capoeira originou-se de Angola, dando características engraçadas, loquaz, gestos amaneirados.”

MARINHO (1956, pág. 08), “Crê não existir dúvidas a respeito da capoeira ser praticada entre os angolas não como meio de defesa, mas como dança religiosa.” Conforme testemunho de CARNEIRO (Ibidem), “Hoje na Bahia a luta entre os capoeiras nas rodas é precedida de um verdadeiro ritual, cânticos e músicas de berimbaus, chocalhos e pandeiros.”

CAPOEIRA (1992) comenta que a capoeira teria nascido com uma mistura de danças, lutas e instrumentos musicais de diferentes culturas, de diferentes nações africanas, em solo

brasileiro. Segundo AREIAS (1983) a capoeira surgiu da necessidade que os negros tinham de uma luta para enfrentar o inimigo. Imitando movimentos de defesa de animais, os escravos fizeram de seu corpo uma arma.

Quanto a origem da capoeira, independente de ter nascido no Brasil ou na África, não há dúvida de que é uma criação dos africanos e seus descendentes. SODRÉ (in CAPOEIRA, 1992, pág. 26), comenta que o importante não é o começo, a data histórica em si, mas as condições que a geraram e o que a manteve em expansão, ou seja o conjunto de condições e circunstâncias históricas e culturais. “ No caso a capoeira o começo é brasileira, mas o princípio, tanto o fundamento, a historicidade, quanto o mito é africano.”

SENNA (1990), conta que a capoeira é brasileira, mas que os escravos africanos tinham um sistema de movimentação corporal na África: o Batuque, que eles se utilizaram para se exercitarem dentro das cateneiras. Para readquirirem a liberdade, inventaram a luta, tomando base o que faziam como atividade física de seu povo, o batuque e o samba de roda, a esta luta mais tarde chamaram de Capoeira.

2.4.2) DESENVOLVIMENTO DA CAPOEIRA

Diante das perversidades do sistema e nas condições que viviam, o negro tinha que lutar, como em função da impossibilidade de usarem armas, foram buscar na prática da capoeira, a arma de guerra, para defender-se do capitão do mato e das Forças do Governo. No início, praticavam nas senzalas, quilombos e matas pelos negros fugidos. Sendo reprimida pelas autoridades, que a viam como armas perigosas contra os senhores. “ A partir daí, passaram a praticá-la sob a forma de dança, ao toque do berimbau, chocalho, pandeiro, agogô, atabaque e reco-reco, que dava ritmo ao jogo diante aos olhos de todos.” AGUIAR (1995, pág. 12)

Para SODRÉ (in CAPOEIRA, 1992, pág. 26), “ Desde o início da colonização até meados dos século XIX, era de interesse dos administradores coloniais e donos de escravos permitir as manifestações culturais negras, não só como válvula de escape para tensões inerentes à escravidão, mas principalmente para acentuar as rivalidades tribais, que ainda existiam.”

Mas não foi assim no princípio, quando os negros enfrentavam seus perseguidores, nas matas ou nas ruas das cidades, resultando sempre em mortes devido a força muscular com que os golpes eram aplicados.

No entanto, a capoeira era e continua sendo uma genuína arma de luta que com a necessidade incorporou os elementos de dança e música em função da proibição imposta pelo sistema. Hoje ela é tão rica em seus movimentos harmoniosos e eficaz como luta, de melodia própria e coreografia única no mundo.(AGUIAR, 1995, pág.12)

A prática da capoeira, com sua ginga, saltos, bamboleios, faziam com que desenvolvesse a agilidade atingindo o oponente. MARINHO (1956) relata que o escravo se mostrava evidentemente superior na luta pela agilidade, coragem, que aprenderam na luta pela sobrevivência, como animais perigosos, trepando e pulando de galho em galho para se acomodar ou esconder. Na luta corpo a corpo, sabiam aplicar um jogo estranho de braços, pernas, cabeça e tronco com agilidade e violência, espalhando-se assim o jogo de capoeira. “A capoeira primitiva, arma dos escravos, viveu na clandestinidade durante séculos de escravidão, valendo de seus golpes mortais para livrar-se de seus perseguidores.” (AGUIAR, 1995, pág.13)

De acordo com MARINHO (1956, pág.13), a capoeira teve seu apogeu no século XIX, as forças políticas contribuíram para o desvirtuamento da capoeira e para a sua

proliferação, principalmente após a Proclamação da República, quando surgiram os interesses eleitorais. Principalmente no Rio de Janeiro, Recife e Salvador, em 1821, em oposição ao rigor existente no governo de D. Pedro I, estabelecendo castigos corporais e outras medidas de repressão a capoeira. No dia seguinte a abdicação domina a cidade, desencaminhando para a desordem, pancadaria, saque, incêndio, assassínios, que ficou conhecida como a Noite das Garrafadas. Ao longo do reinado de D. Pedro II, a capoeira alastrou-se com inteira liberdade, entre a plebe e figuras de destaque.

Na Guerra do Paraguai, capoeiras foram enviados para a batalha e lá se fizeram heróis, sangue frio audaciosos e corajosos pelas condições de guerra, exigia-se combates corporais.

Proclamada a República, inicia-se uma nova fase de perseguição a capoeiragem. De acordo com SANTOS (1993, pág. 68), o Decreto-Lei 487, do Marechal Deodoro da Fonseca em 1890, proibiu a capoeira e quem fosse pego seria desterrado para a Ilha Fernando de Noronha por um período de seis meses. A capoeira ressurgiu no ano de 1932, quando Manuel dos Reis Machado, o “Mestre Bimba”, realizou uma apresentação para o então Presidente Getúlio Vargas, que liberou a capoeira.

A capoeira não mudou suas características pelos séculos de proibição, manteve-se fiel a seu princípio de arma, defesa e ataque, embora demais modalidade tenham distanciados dos fundamentos originais e fazendo responsáveis por uma concepção equivocada, a de que:

A capoeira era uma atividade inofensiva, festiva, de forma dançada e teatralizada, após a Abolição da Escravatura, não foi compreendida como luta, e nos dias atuais não passou a condição de modalidade esportiva, devendo-se a sua característica (alterada), que foi obrigada a converter-se em espetáculo de dança. (AGUIAR, 1995, pág. 12 e 13)

Resumindo, a capoeira não veio a ter um conceito esportivo, primeiro pela necessidade de esconder suas características originais, como arma de luta, seguindo pela tendência mascarada como dança inofensiva, acompanhada pelo toque de berimbau. Ficou convencionalizado que a capoeira não é uma arma e sim uma dança para exibição, daí a dificuldade em convertê-la em luta desportiva.

2.4.3) A FORMAÇÃO DAS MALTAS

De acordo com SOARES (1994) no século passado, no Rio de Janeiro, no bairro da Glória, as “Maltas” (como se chamavam os grupos na época), se encontravam para resolver velhas rixas. Muitos escravos eram fugidos, escondiam-se em suas matas, as batidas de policiais eram freqüentes. Na Guerra do Paraguai, alcançou sua fama.

Antigos capoeiras, foram levados a força para o campo de batalha, formando novos grupos como “ A Flor da Gente”, que ganhava todos, não tinha para ninguém naqueles tempos; enquanto que grupos de outras áreas, como Campo de Santana e Candelária, ficavam armando emboscadas para envolvê-los. Eram contratados por políticos da época, para ganhar eleições que eram resolvidos na luta, como em 1872.

SOARES (1994), diz que: os capoeiras da Glória, criaram um estilo que seria copiado, raramente saiam em grupos nas ruas, para não dar na pinta, e quando um deles era preso, outros não paravam enquanto não fosse solto, convocando políticos, como no caso de seus patriarcas, era a garantia a coesão do grupo. Advogados eram mobilizados para soltarem os negros da Glória, o que temia as autoridades policiais, que pensavam lidar com “pés rapados”. Em dias de eleições juntavam-se a porta da Igreja da Glória (onde ocorriam as eleições), para

exibir e hostilizar os liberais, após a Proclamação da República, a Malta “Flor da Gente” já era uma lenda, pertencente ao mundo do passado da Glória.

MACHADO (in BARBIERI, 1993, pág.73) diz que a capoeira se tornou arte de fundo de quintal, retraiu-se praticadas as ocultas, o eixo da luta se deslocou da Saúde, para a Lapa, onde se formou a tradição do malandro carioca, capoeirista capaz de enfrentar turmas de policiais

Para BARBIERI (1993, pág. 58) “...O malandro de hoje não apresenta as mesmas características de outrora.” Naqueles tempos a vadiagem era proibida, e o capoeira trabalhava e constituía família.

No desenvolvimento do processo da capoeira, “...tida como ‘coisa de negro’, da mesma forma em que outras manifestações da cultura negro-africana no Brasil, após a dita Abolição da Escravatura, ainda continuou sendo considerada como ‘coisa de bandidos, de marginais’.” (BARBIERI, 1993, pág. 25)

“Os capoeiras de perseguidos e tachados como terror a vergonha da civilização, passaram a ser vistos numa luta meritória e assinalados na história como ‘heróis nacionais’.”

Os capoeiras viviam em Maltas, verdadeiros bandos que recebiam apelidos como ‘Gaiamuns ou Nagôas’. Os maltas tiveram participação ativa em fatos históricos, como a Revolta dos Mercenários (soldados estrangeiros contratados para a Guerra do Paraguai, que se rebelaram e foram rechaçados pelos Capoeiras), nas escamurças entre monarquistas e republicanos e até Proclamação da República. Quando brigaram entre si, o grito de guerra assustava os estranhos do ramo: ‘Fecha! Fecha!’, significava o início da briga e ai de quem estivesse por perto. (PINATTI, 1987, pág. 07)

Hoje a Glória é um reduto de capoeiristas, um dos bairros mais concorridos no Rio de Janeiro pelos mesmos. Infelizmente, a história da capoeira está cheia de questões sem

respostas, lacunas, esquecimento e falta de pesquisa. A maioria dos capoeiristas que lá moram, desconhecem sua história, mesmo assim estão seguindo pegadas, perpetuando tradições sem saber, chamamos isso de Memória do Inconsciente.

2.4.4) A INDIVIDUALIZAÇÃO DO CAPOEIRISTA

Segundo SODRÉ (1983, pág. 205), “o estilo individual do jogador define-se inicialmente pela ginga, o balanço incessante e maneiroso do corpo que faz com que se esquive e dance ao mesmo tempo, tudo isso comportando uma mandinga de gestos, firulas, sorrisos capazes de desviar o adversário de seu caminho previsto, isto é, seduzi-lo.” Sempre com movimentos circulares, comparado à estratégia da aranha que evita o confronto direto, seduzindo o adversário num espaço circular, envolvendo-o, enlaçando-o. O capoeirista se não o vence, retira-se graças a esquiva, fugindo assim como os quilombolas, escravos fugitivos que eram rápidos, rebeldes e resistentes.

Conforme depoimentos de dois grandes e velhos mestres da capoeira, é necessário saber o que vai na alma, no coração, na índole do adversário, é preciso saber “os segredos do coração”, do camarada, bem como sua capacidade em criar, genuinamente, situações diferentes, inovadoras, que surgem e afloram naquele momento, que dependem da malícia de um e de outro. A capoeira já existe dentro de cada um de nós, assim é necessário penetrar na alma daquele com quem se joga, a ponto de descobrir, antecipadamente suas reais intenções.

“A capoeira é uma coisa qui náci nu sãngui da genti. Ela náci na natureza e nu ispíritu (...) ô qui a gente fáis é desenvolvê...” (MESTRE JOÃO PEQUENO, in BARBIERI, 1993, pág. 96)

Segundo SODRÉ (1991, pág. 15), “A capoeira dos mestres é um jogo sem normas, logo sem método para que cada novo instante seja preenchido por um novo gesto. O golpe eficaz tem de ser inesperado. É verdade que o repertório gestual é finito, mas sua combinação é absolutamente aberta. O capoeirista, senhor de seu corpo, improvisa sempre e como artista, cria.” É o corpo livre, solto em seu movimento, entregue ao seu próprio ritmo que encontra seu caminho. Nesta arte-jogo, a malícia é a palavra chave, indicando a capacidade do capoeirista de superar a história de seu ego, expressa pelos hábitos adquiridos e adotar em questão de segundos uma atitude nova.

“... o mestre não verbaliza nem conceitua o seu conhecimento para doá-lo metodicamente ao aluno, ele cria as condições de aprendizagem (formando a roda de capoeira) e assiste a ela. É um processo sem qualquer intelectualização, em que se busca um reflexo corporal comandado não pelo cérebro, mas por alguma coisa resultante de sua integração com o corpo.”

O jogo da capoeira, tal como praticado pelos velhos mestres baianos... é luta e jogo (dança) ao mesmo tempo. Seu movimento acrobático, ritmado por instrumentos próprios, traz uma mensagem simultânea de paz e de guerra. Mas se trata basicamente, de uma guerra de defesa: o mestre capoeirista só converte a dança em luta quando é primeiro atacado, aproveita então, o peso e a violência do adversário para desequilibrá-lo através de um sistema de alavancas composto por braços, pernas e cabeça. É a leveza contra a força. (SODRÉ, 1991, pág. 14)

Para BARBIERI (1993, pág. 65), o autêntico, o genuíno capoeira, aceita a queda como elemento constitutivo do jogo, certamente esta deve ser evitada ao máximo, porém se ela vier a acontecer... Segundo o mesmo, a heterogeneidade não reside apenas nas diferenças de sexo, idade cronológica, desenvolvimento físico, etc. Ela se encontra nas vivências de cada um,

apresentando-nos um grupo constituído de homens repetindo, “mais vividos” e de homens “não tão vividos assim”.

Esse pressuposto encaminha-nos ao respeito à individualidade de cada um e ao seu ritmo próprio, e o fato de que qualquer pessoa pode aprendê-la: “Ninguém joga do meu jeito. Cada um é cada um.”(MESTRE PASTINHA, in BARBIERI, 1993, pág.85)

Os indivíduos não são comparados igualmente, cada um tem uma individualidade que deve ser respeitada, tanto na vida social, como dentro de um grupo, no caso dos capoeiras, isto acontece quando se fala sobre a ginga. Muitos não conseguem obter sucesso em tudo e por isso aprende a conhecer seus limites, sendo assim aceito pelo grupo, nem sempre aquele que não tem facilidade para determinado assunto, também não o terá em outro. Se pode acabar descobrindo etapas que podem se sobrepor as dificuldades.

Os erros e acertos, a individualização, são fatores que determinarão o perfil do capoeira. Os homens aprendem em ritmos diferentes, esse fator é uma constante no processo de educação. Capoeira pode ser feitas por todos, sem exceções. “(...) *a capoeira é pra hõmi, minínu e mulhé, só num aprênde quem num qué!* .” (MESTRE JOÃO GRANDE, in BARBIERI, 1993, pág. 92).

“A disposição de luta numa roda de capoeira está relacionada as nossas atitudes de luta na vida. A roda é um treino e um diagnóstico de como estamos lutando. Nosso esquema corporal é um reflexo direto de nova vida emocional.” (FREIRE & MATA, 1993, pág. 38) Se no cotidiano uma pessoa apresenta-se submissa as atitudes, seu corpo demonstrará isso, através da postura. Assim quando preparamos nosso corpo para a luta também preparamos nossas emoções, adquirindo coragem e confiança na realização de nossos objetivos.

A capoeira desenvolve nossa agressividade e segundo a terapia da soma (FREIRE & MATA, 1993), ser agressivo faz parte do ato de viver, pois a mesma é um ato de escolha, de

opção. Usar a agressividade, significa buscar o que queremos de forma natural e biológica. Quando a reprimimos, abrimos mão de nossos desejos e impulsos, o que poderá transformar-se em compulsão violenta, pois a agressividade reprimida gera violência.

Na capoeira as pessoas são envolvidas de uma forma integral, onde a razão, a emoção e o físico são únicos. Mas do que uma simples dança ou luta, a capoeira é um estilo de vida, uma maneira de encarar o ato de viver. A roda de capoeira é exercício permanente para se estar no aqui e agora. A agilidade e malícia determinam a necessidade de se estar sempre alerta, atento e consciente, qualquer perda de contato pode ser decisiva para se tomar um golpe. Portanto a capoeira nos ensina a estar inteiros e presentes na vida.

Procure gingar sempre: essa recomendação de Mestre Bimba, não se restringe ao momento de encontro entre os capoeiras, numa roda, mas abrange a própria existência de cada um deles, nas relações familiares, no namoro, enfim, gingar é um verbo que na capoeira se conjuga com o existir. Desta forma, também unanimemente, os capoeiras admitem que o jeito de gingar não é uniforme, estereotipado, e que um capoeira jamais ginga igual a outro, é uma característica individual e individualizante. Podemos dizer que seja a impressão digital do capoeira. (BARBIERI, 1993, pág. 60)

É no encontro dos capoeiras, principalmente na roda, a forma completa de realização do jogo. É na roda onde, mais facilmente, podemos perceber o complexo e dissimulado jogo da capoeira. Estar constantemente presente na roda, ou seja, perceber, utilizando-se de sua visão periférica, todos os movimentos realizados pelo seu adversário-companheiro, mesmo que não esteja fitando-o diretamente, perceber todos os movimentos que são feitos por outros capoeiras que compõem a roda, perceber a movimentação das pessoas que assistem o jogo, perceber o ritmo ditado pelo berimbau, assim como as letras das músicas cantadas.

FREIRE (in BARBIERI, 1993, pág. 63), diz que: “ Esse ‘estar presente’, ser e estar, me parece, transcorre gestalticamente. Mesmo que de forma inconsciente, os capoeiras ‘abrem e fecham’ gestalts , ora concentrando-se mais no ‘fundo’, ora na ‘figura’.”

Segundo o autor SODRÉ (in SILVA, 1996, pág. 65), “ Para o homem da tradição, ser não significa somente viver, mas pertencer a uma totalidade, que é o grupo (...) Zelar por um símbolo, ou seja cultuá-lo nos termos da tradição, implica aderir a um sistema de pensamento, uma ‘filosofia’ capaz de responder à questões essenciais sobre o sentido da existência do grupo.” Isso tudo transparece no jogo da capoeira, não como mera técnica de guerra corporal, mas como um estilo de existência, ligado à história do grupo que as pratica. O indivíduo pertence ao grupo, tanto quanto a si mesmo, pois ele reencontra-se no grupo.

3) METODOLOGIA

A pesquisa monográfica desenvolveu-se a partir da delimitação e indicação do problema a serem estudados , através de consultas bibliográficas relativas ao tema na área de Antropologia Cultural e Social, Filosofia, História e Educação Física.

A revisão de literatura dividiu-se em quatro capítulos, o primeiro faz uma referência ao corpo e as várias concepções que sofreu através dos tempos, buscando a realidade corporal atual e fazendo uma análise do corpo rebelde dos negros africanos. O segundo capítulo, busca algumas conceituações sobre cultura, os grupos sociais e suas manifestações perpetuadas através da tradição e os substratos da cultura africana. No terceiro capítulo procurou-se abordar a história da escravidão no Brasil, desde as embarcações na África até as inúmeras formas de torturas, bem como a sua maneira de se rebelarem contra o sistema e as formas de organizações (Quilombo dos Palmares). O quarto e último capítulo faz-se algumas considerações históricas sobre a capoeira, a sua evolução nas ruas, a formação dos grupos instituídos (Maltas), as características do praticante e sua identificação com o grupo.

4) CONCLUSÃO

Refletir a capoeira enquanto prática cultural é tarefa difícil, devido as infinitudes conceituais que a mesma apresenta. A capoeira permaneceu até hoje, por ser um jogo de estratégia cultural, e apesar de sofrer incorporações da dança e da música, ela era e continua sendo arma de luta. Mais do que isso, a capoeira sobreviveu pela força de continuidade do grupo, através de um envolvimento emocional, um sentimento de raiz, tradição e perpetuação da espécie.

Nos termos da tradição, cultura implica em aderir à um sistema de pensamento, uma filosofia, estilo de existência, ligado a história do grupo que as pratica, devendo ser entendida não como simples sobrevivência, mas numa análise sócio-cultural mais ampla, na qual o negro está inserido.

A busca da identidade cultural negra, implica em assumir a condição do negro, reconhecendo e aceitando o seu destino, a sua história e cultura. O fator histórico é o mais importante, pois é a memória das civilizações, dos povos e coletividades. A maioria dos capoeiristas desconhecem sua história mesmo assim estão seguindo pegadas, perpetuando tradições sem saber. Mas é a consciência histórica que dará significado à prática e ao movimento corporal consciente e responsável na roda de capoeira.

É importante se ter essa consciência histórica, e resgatar no passado explicações para um futuro melhor da capoeira, sem reduzi-lo à tendências tecnicistas, de um corpo fisiológico e mecanizado. E nem a reprodução do folclore, articulado ao sistema da cultura dominante.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- 1) AGUIAR, Maciel de. **Teodorinho Trinca- Ferro: A capoeira como arma.** São Mateus - ES, Ed. Brasil Cultura, 1995.
- 2) ARANHA, Márcia L. de Arruda & MARTINS, Maria H. Pires. **Filosofando: Introdução a Filosofia.** 2 ed. São Paulo: Ed. Moderna, 1993.
- 3) AREIAS, Almir das . **O que é Capoeira.** São Paulo: Ed. Brasiliense, 1983.
- 4) AYALA, Marcos. & AYALA, Maria i. Novaes. **Cultura popular no Brasil: perspectiva de análise.** São Paulo: Ed.Ática S.A, 1987.
- 5) BARBIERI, Cesar. **Um jeito brasileiro de aprender a ser.** Brasília: Distrito Federal, DEFER-CIDC, 1993.
- 6) CAPOEIRA, Nestor. **Os fundamentos da malícia.** Rio de Janeiro: Ed. Record, 1992.
- 7) CRESPO, Jorge. **A História do Corpo.** Rio de Janeiro: Ed. Bertran Brasil S.A, (Coleção Memória e Sociedade), 1990.
- 8) DAMATTA, Roberto. **Explorações: Ensaio de Sociologia Interpretativa.** Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1986.
- 9) _____. **Relativizando: Uma introdução à antropologia social.** Rio Janeiro: Ed. Rocio, 1987.
- 10) FREIRE, João Batista. **De corpo e alma: O discurso da motricidade.** São Paulo: Ed. Summs, 1991.
- 11) FREIRE, Roberto & MATA, João da. **Soma: Uma terapia anarquista. Corpo a Corpo.** Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan, 1993.
- 12) FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala.** 31^a ed. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1996.
- 13) GAIARSA, José Angelo. **O que é o corpo.** 6^a.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- 14) MARINHO, Inezil Penna. **Subsídios para o Estudo da metodologia do treinamento da Capoeiragem.** Rio de Janeiro: Ed. Imprensa Nacional, 1956.

- 15) MEDINA, João Paulo Subirá. **O brasileiro e seu corpo.** Campinas - SP: Ed. Papirus, 1987.
- 16) MUNANGA, Kabengele. **Negritude: Usos e Sentidos.** 2ª ed. São Paulo: Ed. Ática, 1988.
- 17) NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um rascismo mascarado.** Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1978.
- 18) NETO, Ricardo B. **A Cara de Zumbi.** São Paulo-SP: Revista Super Interessante, número 11, 1995.
- 19) PINATTI, Djimir. **A Arte Marcial do Brasil.** Rio de Janeiro: Revista Capoeira, Grupo de Comunicação Três Ed., número 07, 1987
- 20) RODRIGUES, Nina. **Os Africanos no Brasil.** 6ª ed. São Paulo: Nacional, 1982.
- 21) SANTOS, Aristeu Oliveira dos. **Capoeira: Arte-luta Brasileira** Curitiba: Ed. Imprensa Oficial do Estado, 1993.
- 22) SANTOS, Joel Rufino dos. **Zumbi.** 7ª ed. São Paulo: Moderna, 1988.
- 23) SILVA, José Eduardo Fernandes de Souza e. **Esporte com Identidade Cultural.** (Coletânea Brasília: Instituto nacional de desenvolvimento do desporto), 1996.
- 24) SOARES, Carlos Eugênio Libano. **A Negregada Instituição: os capoeiras no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Secretária Municipal de Cultura, 1994.
- 25) SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida, por um conceito de cultura no Brasil.** Rio de Janeiro: Ed. Codecri, 1983.
- 26) SODRÉ, Muniz. **O Brasil simulado e o real: Ensaio sobre o cotidiano nacional.** Rio de Janeiro: Ed. Rio Fundo, 1991.